



Água
Vermelha

EDITORIAL

Aprendi a escutar bem antes de tagarelar. O dom de ouvir foi muito útil para saber de histórias que nunca entraram nos livros que líamos na escola, mas que me formaram como pessoa. Nas rodas de conversa na porta do prédio ou nos arredores do Parque da Independência soube da Greve de 1917, soube das mortes de operários, soube das casas pagas à prestação com muito custo, soube que as fábricas eram muitas e o bairro cheirava à fuligem.

Meu avô foi trabalhador braçal, era um dos homens fortes que carregavam no lombo papéis para o fluxo de impressão de uma gráfica. Começou nisso aos quarenta anos e ficou até os sessenta. Foram duas décadas levando nas costas folhas e folhas que viraram páginas com poesia ou com textos comportados ao *status quo*. Nunca saberei ao certo se algum poema de Ana Cristina César foi antes papel carregado por seu Luís Grigolin. O que sei é que ele, meu avô, acessava meu universo infantil muito mais que qualquer outro adulto. Falava dos passarinhos, entendia pelo som quem eles eram, e o seu contar da vida na roça era o mantra diário na minha infância. Eu aprendi a plantar roseiras com seus ensinamentos. Seu Luís chorava quando sentia vontade. Tinha frases das quais nunca esqueço: “dinheiro é só um pedaço de papel”, “quem fala demais, fala muita besteira”; uma que me marcou muito foi dita uma vez quando assistia a uma reportagem sobre um pai que havia matado um filho friamente, meu vô ficou muito nervoso e disse: “não mato nem passarinho, nunca mataria uma filha”. Subia a Bom Pastor de bicicleta numa época em que não era chique ser ciclista, *bike* era meio de transporte com classe social demarcada: a baixa. Seus amigos eram de várias origens, o dono da lotérica, o zelador do prédio, o tipógrafo. Tinha também o Miguel, que vinha de vez enquanto para eles conversarem. Seu Augusto também aparecia às vezes e tocava o interfone, minha mãe o chamava de atleta, pois ele corria no Parque sempre e usava uma regata azul-marinho com listrinhas azuis-celestes. Depois descobri que Augusto era colecionador de livros, seu pai tinha sido anarquista, e ele sabia muita coisa. Sabia quem eram os donos das fábricas, os operários e por que muita coisa não era dita ou tinha sido esquecida. Visitá-lo era sair com a cabeça cheia de informações, mas minha mãe não conversava comigo sobre aquilo

tudo, só a tia Vanda entrava na conversa. Meu vô gostava da amizade que eu tinha com o Augusto, mas pouco se intrometia na “prosa”.

Fui acumulando histórias por anos e anos. Para ser precisa, por quase duas décadas. Uma hora eu disse: “chega, ou isso vira uma pesquisa de doutorado, ou eu desisto de guardar coisas sobre o Ipiranga”. Na Unicamp, aceitaram a pesquisa, e comecei a escrever. Quatro anos debruçada no Ipiranga, no movimento anarquista da Primeira República e nas mulheres anarquistas brasileiras, mexicanas e argentinas... *Sou Aquela Mulher do Canto Esquerdo do Quadro* nasceu.

AVERMELHADO

Ipiranga: (tupi) y: água ou rio + piranga: vermelho
Dicionário de Tupi on-line

O Ipiranga é um bairro formado no início do século XX, apesar de sua história remeter à “independência”. Naquela época era um ponto de passagem, com casebres esparsos e uma população indígena: os Guaianazes, maioria morta pelos bandeirantes. O bairro urbanamente se expandiu e passou a existir como tal a partir da instalação da família Jafet, da linha do trem e das fábricas. A primeira fábrica foi a Fiação, Tecelagem e Estamparia, cuja inauguração é de 1907. No mesmo ano, os ingleses trouxeram sua fábrica de linhas, ativa até hoje: *Coats Corrente*. Em 1920, o Ipiranga tinha por volta de 12 mil habitantes, e seguramente boa parte vivia nas regiões entre as ruas do Fico e Xavier Curado.

São Paulo foi desenhada em zonas de exclusão e de classe social. Enquanto os pobres viviam próximos às várzeas dos rios, os ricos situavam-se na região da Paulista ou, no caso do Ipiranga, na parte alta próxima ao Museu, local onde os Jafet construíram seus palacetes, por exemplo. Do alto se avista e controla. E no Ipiranga isso é fato notório: da mansão no alto da Rua Bom Pastor se vê (e vigia) a Fiação na Rua dos Patriotas e as casas dos operários, perto do córrego. O geógrafo Amir de Paula possui pesquisa sobre São Paulo e, em um texto de 2017 denominado “Os operários fizeram história... E também geografia” publicado no livro *A greve geral de 2017: perspectivas anarquistas*, (Biblioteca Terra Livre, 2017), comenta: “Os pobres morando nas regiões de várzeas, industriais, poluídas, ‘anti-higiênicas’ e os ricos nas colinas, na região de ar mais puro, pode-se dizer uma região mais ‘higiênica’ (um desses bairros, Higienópolis, ilustra bem essa ‘fuga’ das elites das regiões mais pobres em busca dos lugares mais ‘salubres’).”



SOU AQUELA MULHER DO CANTO ESQUERDO DO QUADRO

ÁGUA VERMELHA

No ano de 2017 iniciei o envio de projetos ao Sesc Ipiranga, na época enviei um extrato do *Arquivo 17* (projeto expositivo sobre a Greve Geral de 1917), depois, em 2018, mandei um projeto de caminhada pelo bairro onde a *Mulher do Canto Esquerdo* contava a história de onde viveu. Felizmente em 2019 realizamos o projeto Publicação-Memória, que envolveu aulas teóricas sobre publicações, caminhada pelo bairro e todas as etapas de produção, edição e circulação de um periódico. O curso uniu duas vontades antigas: realizar um curso no Ipiranga, devolvendo para o bairro a minha pesquisa de anos e anos, e formar uma equipe editorial presencial para fazermos um jornal, com conversas sobre produção e edição.

O periódico que vocês têm em mãos foi produzido por seis mulheres, em quatro encontros no Espaço de Tecnologia e Arte do Sesc. A pauta proposta foi ao encontro das diversas camadas de memória que construíram o bairro, com suas zonas de afeto, segregação e violência. O afeto pode ser sentido quando se retorna à rua em que se cresceu e ao lembrar do caminho trilhado na vida (como é o caso do texto da Mariana Molina), porém a violência ainda está presente quando se fala de repressão aos operários e aos corpos das mulheres. Ao caminharmos juntas pela rua onde fica o Sesc, contei a todas sobre o Asilo Bom Pastor, criado no final do século XIX. O lugar, um dos primeiros equipamentos de assistência social do bairro, servia para “abrigar” moças que eram consideradas “vergonhosas” para uma sociedade que não entendia liberdade sexual como um atributo feminino (o assunto foi trabalhado no texto de Lígia Marinho). Na época do asilo, o rio era curvo e com diversos pontos alagadiços. Há um Ipiranga antes e depois da retificação do Tamanduateí e isso é tema aqui, tanto na capa e no mapa feitos por Nara Coló Rosetto quanto na chuva e alagamento ocorridos no Centenário da Independência (retratados no texto de Laura Torelli). Pesquisas de arquivo de documentos e filmes que realizei por vinte anos se juntaram aos álbuns de família de Vanessa Frederico e Gabriela Brancaglion (páginas quatro e cinco).

Água Vermelha é também parte do projeto *Jornal de Borda*, que existe desde 2015, e, para a parte gráfica, a companheira de viagem desta edição foi Gabriela Brancaglion. O texto que você lê e todos os demais foram revisados por Lígia Marinho, que sentou ao lado de cada autora e conversou sobre seus sujeitos, verbos e predicados empregados.

Leitoras e leitores, aqui está o **Água Vermelha** para vocês.

FERNANDA GRIGOLIN

memórias e meandros

Afluentes:

Independência. In de pen dê n ci a. 13 letras, 6 sílabas. Sílabas tônicas: dê n, marcada pelo acento circunflexo.



Não posso dizer com total certeza, mas acredito que o meu primeiro contato com a palavra tenha sido na infância, ao ouvir os adultos falando sobre o feriado da Independência. Consigo me imaginar perguntando à minha mãe o significado dessa palavra e por que é tão especial a ponto de ter um feriado só pra ela. E novelas, e especiais na TV com um homem bigodudo em cima de um cavalo gritando “Independência ou morte!” de forma dramática.



No cursinho, minha incrível professora de história expôs os fatos de tal maneira que foi possível perceber que a esmagadora maioria dos feitos heroicos vindos de governantes tem uma motivação política e egoísta por trás.



Tem quem diga que o Brasil não teve uma independência de verdade, pois apenas a independência conquistada pela população é a independência real – e a nossa nos foi dada.



Já para a Laura de dez anos, independência é poder comer sobremesa antes da refeição e dormir depois da novela das nove.

O CENTENÁRIO

Centenário: período de 100 anos. Um século.

Acredito que a comoção envolva em um centenário tenha relação com a duração média de uma vida humana. Afinal de contas, não são muitos que chegam lá – pelo menos por enquanto. O número de pessoas com cem anos de idade deve estar aumentando no mundo, e talvez haja previsões de que aumente nos próximos anos. Sinceramente, não sei, mas não é esse o ponto. O fato é que existe toda uma mística envolvendo pessoas centenárias. Programas e reportagens especiais na televisão com pessoas de cem anos ou mais de diversas partes do mundo prometendo descobrir qual o segredo da longevidade. Dicas como: plante suas próprias verduras, não coma o alimento X. A mais recente que vi foi de uma senhora falando que chegou aos cem por que nunca se casou (minha favorita até agora). Seja o que for, havendo um segredo ou não, o que passa pela cabeça de todos é:

nossa! Mas... *como?*

Por isso que quando uma realização, ou monumento, ou construção, enfim, algo criado por mãos humanas completa cem anos é uma ocasião igualmente especial. Afinal de contas, nenhuma das pessoas que participaram (direta ou indiretamente) daquilo ainda está aqui para contar em primeira mão como é que foi. Ninguém mais para dizer “eu vi, eu estava lá” e não ser um *mem*. Ato que marcam a história de tal forma que as gerações seguintes ainda lembram, comemoram, debatem, questionam. Coisas tão importantes que ultrapassam a expectativa de vida de uma geração (ou de duas, ou de três...). Não é de se surpreender, então, que no ano em que a Independência completava um século havia grandes planos para sua comemoração. No Rio de Janeiro, por exemplo, então capital do Brasil, a mobilização para os eventos especiais começou com cerca de dez anos de antecedência. E é claro que as comemorações de São Paulo não poderiam ficar para trás! Não, não! Afinal, foram nas margens plácidas do Ipiranga que D. Pedro I deu seu brado retumbante. Mas os organizadores não levaram em conta o fator meteorológico.

“No Centenário da Independência uma prima nos pôs no carro para ver os festejos do Ipiranga. Não se fez nada, choveu, choveu a cântaros. A comemoração foi no Rio de Janeiro com a Exposição Internacional”, relatou D. Lavinia no livro *Lembranças de Velhos*, de Ecléa Bosi.

D. Brites, no mesmo livro, conta que “Em 1922, no Centenário da Independência disseram que iam aprontar o Museu do Ipiranga, que iam trazer fogos de artifício. Choveu a semana inteira, nós fomos pelo Cambuci afora de automóvel para alcançar o museu, não pudemos passar por causa da lama e fogos de artifício ninguém viu. Era só lama e breu. Os festejos foram no Rio de Janeiro”.

Acontece que, justo no dia das comemorações, choveu tanto que houve alagamento em alguns pontos, chegando a ilhar pessoas no Cambuci, como no relato acima. Mas o dia não passou totalmente em branco para quem conseguiu vencer o clima, conforme o relato do Sr. Abel, mesmo que tenha sido emocionante até demais para algumas pessoas:

“Lembro que fui com minha mãe, de carro aberto, à Festa do Centenário, em 1922. (...) Chovia pra burro (...). (...) Foi a maior festa de foguetório que houve. Havia um bombardeio de um navio para o outro. E era de morteiro. Um acertava no outro: bam! Bam! Depois, no final... tinha a capelinha, a linda capelinha! E depois uma porção de bombinhas de todas as cores – pré... pré... pré... pré... E quando acabava, um italiano, que tinha feito aquilo, ficava contente, contente. Depois, o final: o morteiro – ben... ben... – aí o rojão que subia – fiiuuunnn – e caía lá embaixo, e a chuva de prata, o paraquedinhos que ia e voltava uma porção de vezes. Depois, o final: centenas e centenas e centenas de varas partindo ao mesmo tempo para todas as direções – ple ple ple ple ple... E

muito desastre houve, que aquelas varas caíram na cabeça do pessoal, e uma caiu na cabeça de um velho de cartola e varou a cabeça e matou o coitado. As varas de rojão tinham bombas reais deste tamanho! Depois que acabava, só se ouvia o ronco: hooooooooonnnn...”

OS MONUMENTOS

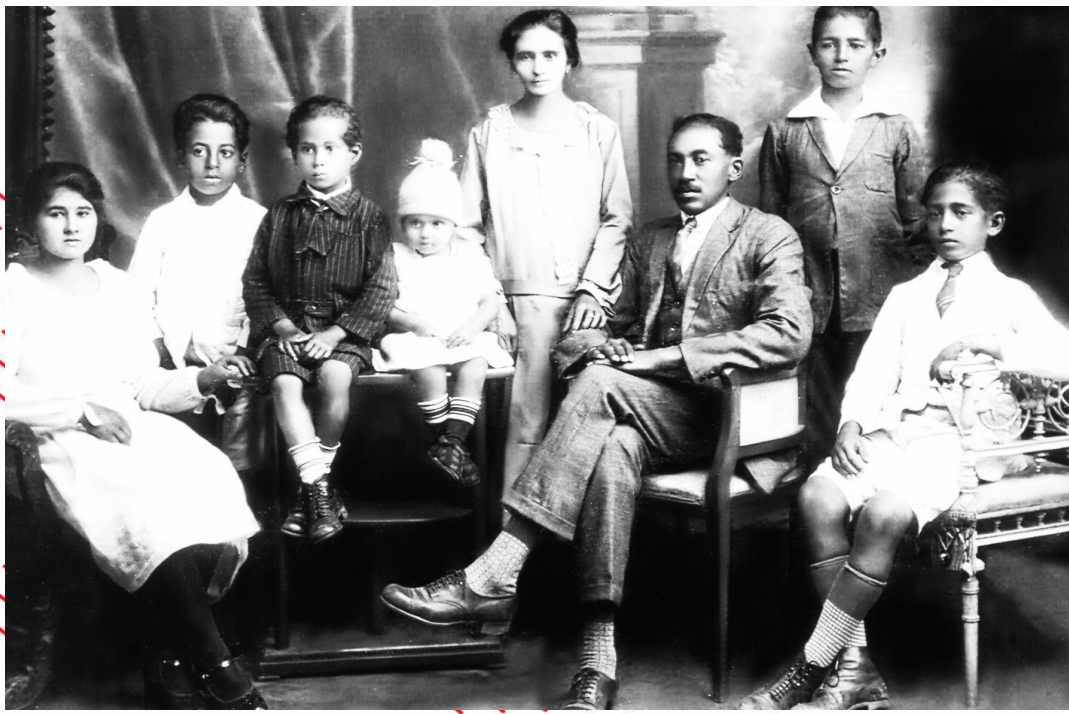
O Museu do Ipiranga (cujo nome oficial é Museu Paulista da Universidade de São Paulo) foi inaugurado em 7 de setembro (olha só!) de 1895. Inicialmente era o museu de História Natural “e marco representativo da Independência, da História do Brasil e Paulista”*. Entretanto, com a chegada do Centenário da Independência, o museu foi revalorizado como símbolo histórico, formando novos acervos e sendo redecorado.

“Eu ia sempre passear no museu, pra desestressar”, me contou a Fernanda, responsável por este Jornal, quando fizemos uma caminhada por alguns pontos do Ipiranga. A declaração me surpreendeu; não por se tratar de uma pessoa que gosta de ir a museus, pois eu também sou assim. Mas por se tratar logo do Museu do Ipiranga. Esse museu (na verdade, todo o bairro) sempre foi algo muito distante para mim. Lembro que minha falecida madrinha me levou uma vez quando eu era criança e estava de férias, mas as únicas coisas que eu recordo com clareza são que tinha um canhão e que as moitas em frente ao prédio formavam um labirinto (era um dia ensolarado e eu corri por ele. Para minha decepção, não encontrei nenhum minotauro). Conversando com meu pai, descobri que a única vez em que ele foi ao museu e ao Parque da Independência foi comigo e com a minha mãe, mas eu era muito pequena e não lembro. Então, depois de observar o prédio do museu do portão de entrada...

Brilhante. Essa a impressão que eu tive do museu à noite quando nos reencontramos depois de tantos anos. Bom, é lógico, o lugar é estrategicamente iluminado, mas foi mais do que isso. Talvez tenha tocado minhas memórias afetivas, não sei. Quando eu dei as costas ao museu e vi o parque se estendendo pela noite, com as árvores fazendo sombras nas laterais e o caminho central iluminado por uma luz amarelada, senti vontade de descer correndo até a outra extremidade. Meu joelho, infelizmente, não permite tal peripécia, então me contentei em ir andando até o Monumento à Independência (ou Monumento do Ipiranga ou Altar da Pátria). Idealizado pelos italianos Ettore Ximenes e Manfredo Manfredi, ganhadores do terceiro lugar do concurso público realizado para decidir quem teria a honra de assinar o trabalho, as obras começaram em 1884 e terminaram em... 1926, quatro anos após o centenário. O monumento foi inaugurado em 1922 ainda incompleto. Ops.

LAURA TORELLI

* bit.ly/museupaulista



Ana e Antenor da Silva eram mineiros. Foram comerciantes e viveram em cidades dos Estados de Minas Gerais e São Paulo. A imagem, típica de álbum de família, mostra também seus filhos. Antenor nasceu em 1891 na cidade de Santana do Garambéu; lá foi garoto de recados de fazendeiros e ajudante de carreiro de bois. Por aqui, trabalhou em empreitadas abrindo várias ruas paulistanas, como as do Jardim América e do Ipiranga: o Parque da Independência e a Silva Bueno, por exemplo. Não sabemos o ano de nascimento de Ana, mas ela foi também cozinheira e costureira. A família é uma das mais antigas da Vila Carioca. **ZILÁ STRADA**, com escritos de Irene Silva, filha do casal.



O rio Tamanduateí e seu afluente Ipiranga foram concretizados. Cenas de cavalos transitando no rio eram bem comuns entre 1910 e 1915, lembra Zilá Strada em uma notícia. Por exemplo, o jornal *O Combate* publicou uma reportagem sobre o movimento de crianças. Muitas casas cujas varandas davam para o rio também tinham escadas onde os moradores podiam descer para o rio. Ladeira Porto Geral, antigo Beco das Fogueiras, foi fechada no início do século XX, quando o prefeito Carlos de Campos criou o rio. **ZILÁ STRADA** com informações de Zilá Strada e *Mais Gentil*, do professor Martinho.



Antes de abrir qualquer rua se faz o que chamam de terraplanagem, nesse momento são retiradas terra, pedras e vegetação. Aterramento, escavação, deslocamento, drenagem, demolição ou remoção e compactação do solo são ações realizadas até hoje. A imagem é da região do Ipiranga, da abertura de ruas, e os trabalhadores estavam iniciando o trabalho com a terra. **ZILÁ STRADA** com álbum de família de Vanessa Frederico.



Em 1925 fiz concurso para a capital e fui nomeado. No final do bonde. Pegava o bonde na Silva Bueno e eu alugamos uma sala na Rua Lino de Azevedo. O ordenado era trezentos mil-réis por mês e eu ganhava mil-réis. No primeiro dia de aula já estava cheio de gente chegar. Era uma escola isolada e não tinha ninguém. Nós eram todos filhos de operários. Tinha um professor **Brites** em depoimento para Eclética.



O tecido xadrez, ou melhor, o xadrezinho Jafet, era o produzido pela Fiação Tecelagem e Estamparia Jafet, no Ipiranga. Usar xadrez ou listrado em seus vestidos era moda por aqui. Busquei e não encontrei um estudo aprofundado sobre o vestuário das mulheres operárias da cidade, porém eu noto que o Ipiranga, devido ao seu isolamento e distância do centro, parecia também realizar uma moda sua, uma moda das operárias. Usavam em seus corpos os tecidos que podiam comprar (os mesmos que elas produziam como tecelãs, fiadoras e costureiras). Perceber isso é interessante e constrangedor, pois mesmo quando as operárias eram costureiras dos seus vestidos, a venda e a produção do tecido eram do dono da fábrica que as explorava. **AQUELA MULHER DO CANTO ESQUERDO DO QUADRO**



Bisa, quase cem anos nos separa, mas parece nos desconectar por completo. Nós poderíamos usar calças, que tava moda aos estudos, ou seja, que seríamos mulheres de um homem! Bisa, não sei se você e tantas outras, como eu, passaram por todas as suas formas de expressão. Mas é nessa dor compartilhar as violências passadas e presentes com as mulheres. A luta continua. À Dolores Rúbia, Tereza e a mim, me ensinaram a força de ser mulher.



anga nem sempre foram envoltos em
do na parte alagadiça (ou baixada)
5. Afogamentos no rio também eram
ate de janeiro de 1929 fala do afoga-
os fundos davam para o Tamandua-
es atracavam seus barcos. O fim da
Barbas, era um porto. Ele resistiu até
ito Antônio Prado mudou o curso do
le *O Combate, Quando a Cidade era*
in Jayo e *São Paulo in Foco*.



e fui trabalhar na Fábrica, no ponto
é e viajava 45 minutos. Uma colega e
Coutinho, onde era a fábrica do Jafet.
or mês e o aluguel da sala era cem
stavam algumas crianças espiando a
: lecionava o 1º e o 2º ano. Meus alu-
inha uma média de 35 alunos. **PROF.**
a Bosi no livro *Memória de Velhos*.



um, e um mundo praticamente novo
eto. Quem diria que em pouco tempo
eríamos direito ao voto, ao divórcio,
consideradas cidadãs e não proprie-
como reparar as violências sofridas
rar a dor de ser considerada inferior
são, de ter uma vida reduzida à sub-
hada, correndo em nossas veias, de
nta a mulher, que entendo que nossa
sa Blanes e Miriam Brancaglioni, pois
lher. **GABRIELA BRANCAGLIONI**



Maria, a mais velha das filhas mulheres, foi a escolhida por seu pai para
trabalhar fora de casa. Trabalhou como operária na antiga Fábrica de
Tecidos Haddad, posteriormente adquirida pela Arno e que ainda hoje
marca o bairro com um extenso terreno vazio junto à estação do metrô
Santo-Imigrantes. Mesmo sob o olhar controlador do capataz e a carga
de trabalho exaustiva, Maria encontrou lá o alívio das rígidas regras do lar
patriarcal. Foi em meio a suas iguais, suas colegas de trabalho, que ela,
mulher, se viu humanizada, “uma mulher que merece viver e amar como
outra qualquer do planeta. Maria, Maria!” **GABRIELA BRANCAGLIONI**,
com citação de “Maria, Maria”, de Milton Nascimento, 1978.



Armando Pamplona foi responsável por um grande projeto documental
sobre São Paulo, contemplado com edital público do Centenário da Inde-
pendência. Diversos filmes foram exibidos em formatos para cinejornal,
porém apenas um sobreviveu ao tempo: *Companhia Fabril de Cubatão*.
Uma das partes da proposta denominava-se Ypiranga (com filmagens
sobre a construção do Parque da Independência, iniciado em 1919). No
acervo da Cinemateca Brasileira há o título Ypiranga (1922) que a ins-
tituição atribuiu ao cineasta. Eu assisti à película, e há momentos que
mostram a construção do bairro. A imagem acima é do álbum de família
de Vanessa Frederico, mas é muito próxima das cenas que Pamplona
traz. **FERNANDA GRIGOLIN**, com informações de Armando Pamplona e
a Independência Film, artigo de Eduardo Victorio Morettin, 2012.



Todas as ruas poderiam ser arborizadas com laranjeiras, limoeiros, pesse-
gueiros e outras árvores que além de um perfume delicioso produzem os
mais saborosos frutos. Haveria frutas de sobra para todos (...) As constru-
ções das casa podem ser feitas por sistemas muito simplificados, por meio
de formas, aparelhos mecânicos, automáticos etc., abreviando o tempo
(...) Podem-se transformar em energia motora, em luz, em capacidade de
trabalho – as correntes dos rios, o ventos dos ares, a luz do sol (...) e tirar
proveito de tudo isso para todos. **A TERRA LIVRE 06/11/1910.**

o tempo e as pedrinhas

Remanso:

Entro na casa onde nasci criança, carregando no bolso minhas memórias de vinte anos atrás. A parede da cozinha, ainda cheia de azulejos amarelos, me abraça num enlace forte que dura o tempo da saudade. Lembro dos finais de tarde em que a minha família se reunia à mesa pra tomar café, sob a luz fina entrando pela janela. Caminho descalça pela rua, sinto o asfalto quente cheio de pedrinhas, me lembro da teia de ralados no joelho que elas me deram. Esta rua foi meu endereço até os dez anos de idade.

Menina faladeira que era, cada hora estava em um sobrado diferente. Só voltava até minha casa pra avisar a mãe aonde eu ia, era um entra e sai a manhã toda com a porta da frente sempre destrancada.

O tempo era esticado, cabia tanta coisa num dia só: acordava cedo, fazia lição de casa, quando as manhãs estavam preguiçosas ia brincar na casa das amigas. Às onze era hora de voltar, almoçar, me ajeitar e seguir o caminho da escola. Íamos a pé, eu e minha mãe. Às cinco e meia da tarde tocava o sinal da última aula, voltávamos a pé, minha mãe e eu. Chegando em casa guardava a mochila e voltava pra rua brincar, ainda com o uniforme da escola que já estava sujo mesmo. Já eram seis horas da tarde, a hora do auê: quando alguém via uma perua escolar embicar na ponta da rua, começava a gritaria, todo mundo corria pra calçada, pegava a bola e a bicicleta e abria espaço. Rua pequena, só passava um carro e mais nada. Era tempo de criança na rua, brincando de taco, rouba-bandeira, esconde-esconde, mãe da rua, pula corda, pega-pega: “Comigo não morreu!” – o último que se abaixasse era o pegador. Era tempo de criança tocando a campainha da Dona Carmen e se escondendo atrás do carro da vizinha. Era tanta criança! Só em uma casa moravam sete. Com horário de verão, o tempo se esticava ainda mais, e ninguém queria saber de entrar pra casa. Vontade de ir ao banheiro e de comer, ninguém nem lembrava que existia. Depois de tanto me chamar pra tomar banho e jantar, já cansada, minha mãe me dava a última chance pra escapar do castigo, dizia que ia contar

até três pra eu entrar: “um, dois...” e eu me botava a correr da outra ponta da rua, torcendo pra esse segundo ser um pouco mais longo. E muitas vezes ele era. Triste mesmo era quando o castigo me pegava e não me deixava sair pra rua no dia seguinte, daí eu ficava sentada na janela, com as pernas penduradas pra fora, vendo o tempo passar.

Quando eu tinha sete anos, meus pais me deixaram ir sozinha à padaria Larsol, então aos sábados era eu quem buscava o pão. No caminho passava pela papelaria do Seu Carmo, onde minha mãe comprava os retroses de linha pra suas costuras, e pela oficina mecânica, onde eu descobri que, fora da minha rua, o mundo não me queria tão livre assim: os homens que ficavam sentados na calçada mexiam comigo toda vez que eu passava, até que eu comecei a usar bermudas mais compridas, e mudar meu trajeto. Foi quando, ainda menina, eu descobri que o mundo não nos quer livres. Nós. Mulheres.

Algumas vezes o café da manhã era direto na padaria, depois do pão na chapa na canoa seguíamos para o Museu do Ipiranga. Eu gostava de subir nas árvores e fazer piquenique, sempre acompanhada da minha madrinha, Orides, que guiando as descobertas pelo parque, me ensinou a fazer um copo com a folha do pé de café, plantado ao lado do bebedouro. Orides morava na casa em frente à minha, aquela que tem uma primavera cobrindo a janela. Quando era de noite, eu vestia meu pijama e tocava lá pra assistir desenho animado na TV paga.

Essas memórias são dos anos 1990, mas minha história por ali começou em 1970, quando meus avós se mudaram pra esse endereço. Depois foi alugada pelos meus tios e em seguida pelos meus pais, logo que se casaram. Essa rua, pra mim, foi terra fértil onde plantei afeto e hoje faz brotar saudade. Saudade da convivência com os vizinhos, das festas juninas que enfeitavam o céu de bandeirinhas e nos faziam colocar as mesas de comida na calçada, de sentar na beira de casa pra gastar o tempo. Saudade do tempo. Era tempo de rua aberta, de rua sem carro, sem grade. A rua era feita pra gente. Aquela rua era minha casa e era do tamanho do mundo, um mundo onde eu cabia e que hoje cabe dentro de mim, caminhando com os pés descalços no asfalto quente, o joelho riscado de pedrinhas e o bolso carregado de memórias.

MARIANA MOLINA

vazantes

São Paulo de Piratininga, em fins da primavera de 2019.

ATO PRIMEIRO: SAÍDA

Era a noite da primeira quarta-feira deste mês de dezembro, não sem algum atraso, saímos do Sesc Ipiranga para caminhar pelo bairro, tínhamos como missão encontrar os lugares registrados em documentos históricos (filmes, fotografias de família ou de jornais) encontrados na pesquisa que embasa o curso Publicação-

Memória. Éramos um grupo formado por seis mulheres interessadas em desvelar as histórias e as personagens que construíram a região, e saímos pelas ruas para vasculhar os caminhos já pisados por outras que caminharam antes de nós e que resistiram às transformações urbanas. Refizemos os passos de outras tantas operárias, donas de casas e moças enclausuradas pelo recato dos bons modos, na privacidade dos lares, ou pela autoridade do poder médico, religioso ou estatal, em internatos e asilos. Saímos, andarilhas, para revisitar e reavivar as marcas no espaço deixadas por essas pessoas, mulheres e homens que forjaram e, de alguma maneira, ainda preenchem e habitam as ruas do bairro, da vila, da cidade.

O andar noturno do nosso grupo causa certo espanto, chama atenção pelas ruas em que passa e mobiliza alguns olhares masculinos. Seriam olhares inquisidores? Censores? Ou apenas curiosos? Todas essas alternativas me parecem plausíveis. Em algum sentido, perambular pelas ruas numa noite quente de quase verão nos reconecta com cárceres normativos do feminino, hoje atenuados – ou apenas disfarçados? – e diluídos no que restou de um certo tipo de normalidade, referendada pela necessidade real de nos preocuparmos com a nossa própria segurança.

ATO SEGUNDO: AVANÇO

O trajeto estipulado no nosso curso previa percorrer as ruas Bom Pastor, de onde partimos, Patriotas, o Parque da Independência e também as ruas Leais Paulistanos e Silva Bueno. Seguimos.

Em certo ponto da Rua Bom Pastor nos questionamos sobre a localização do asilo que ali existiu e que dá nome à rua. Sabe-se que Asilo Bom Pastor era um internato para meninas, gerido por freiras, e abrigava menores em situação de abandono ou em conflito com a lei. Os pesquisadores Viviane Borges e Fernando Sallano contam* que no prontuário das internas do asilo comumente são encontrados diagnósticos atrelados a “desvios morais”, e, por essa razão, essas jovens sem família ou que haviam se envolvido com prostituição eram educadas para reintegração social, geralmente por meio do serviço doméstico em casas de família. Os prognósticos médicos

e a ingerência do Estado inventavam as únicas vidas possíveis para essas meninas: a “má conduta” e a degeneração nos antros ou o diligente cuidado do asseio dos lares honestos.

Seguimos na caminhada e chegamos à Rua dos Sorocabanos, onde existe ainda a construção que abrigava a antiga fábrica dos Jafet, que fiava, tecia, estampava e, certamente, já acelerava o ritmo da pequena São Paulo do começo do século XX. Descemos a Rua dos Sorocabanos e chegamos à Rua Manifesto, onde ainda opera a antiga Cia. Brasileira de Linhas para Coser, hoje Coats Corrente. As extensas paredes de tijolinhos vermelhos, as chaminés que cospem fumaça escura no céu e todas as linhas duras da arquitetura industrial inglesa moldam o arquétipo do que entendemos ser uma fábrica. Forma, função e sentido importados de uma revolução industrial de além-mar.

Terminamos nossa jornada noturna numa vilinha em que uma das integrantes do grupo, a Mariana, cresceu, e somos gentilmente recepcionadas pela madrinha dela, Dona Orides. Chá e café acolhem e acalentam nossos anseios e inquietações acerca deste jornal. Há muitas histórias que esperam para serem contadas, histórias que ficam à espreita de uma ocasião oportuna para, tal como as águas vermelhas do rio que batiza o bairro, transbordar o leito de concreto, ou de esquecimento, que silencia os murmúrios de seu curso sinuoso.

LÍGIA MARINHO

* Artigo “A gestão da minoridade sob o Serviço Social de Assistência e Proteção aos Menores de São Paulo (1930-1940): encruzilhada de saberes”, abr./jun. 2018, Saúde e Sociedade.



Água Vermelha, edição especial Ipiranga
 de *Jornal de Borda* n. 08, ISSN 23593954,
 dezembro de 2019

Concepção e edição: Fernanda Grigolin
 Projeto gráfico: Gabriela Brancaglioni
 Revisão: Lígia Marinho
 Capa e mapas: Nara Coló Rosetto
 Textos: Laura Torelli, Mariana Molina e
 Zilá Strada

Tipografia: Luce Fabbri, de Laura Daviña

Agradecimentos: Eduardo Arpassy, Ipiranga
 Feelings, Karina Francis Urban, Laura Daviña,
 Orides Cezaretto, Paulo Silveira, Sebo Pura
 Poesia e Suzete Coló Rosetto

Fontes: Álbum de família de Vanessa
 Frederico; Álbum de família de Gabriela
 Brancaglioni; Arquivo do Estado; Arquivo
 17; Arquivo Edgard Leuenroth – AEL/IFCH
 – Unicamp; Cedem/Unesp; Cinemateca
 Brasileira; *Quando a cidade era mais gentil*,
 do professor Martin Jayo; São Paulo in foco;
Sou Aquela Mulher do Canto Esquerdo do
Quadro, pesquisa de Fernanda Grigolin

Referências:
 Ecléa Bosi. *Memória e sociedade: lembranças
 de velhos*. Companhia das Letras, 1983;
 Michel de Certeau. *A invenção do cotidiano*
I: artes de fazer & II: morar, cozinhar. Vozes,
 2012; Dicionário Online de Tupi; Eduardo
 Victorio Morettin. *Um apóstolo do modernismo*
na Exposição Internacional do Centenário:
 Armando Pamplona e a Independência Film.
 Artigo, 2012; Amir El Hakim de Paula. São
 Paulo 1917: Os operários fizeram história...
 E também geografia. In: Clayton Peron
 Franco de Godoy; Lucas Tadeu Marchezin &
 Rodrigo Rosa da Silva. *A greve geral de 2017:*
perspectivas anarquistas. Biblioteca Terra
 Livre, 2017; Irene da Silva Pedro. *Lembranças*
das raízes, 2014; Margareth Rago. *Inventar*
outros espaços, criar subjetividades libertárias.
 Editora da Cidade, 2016; Raquel Rolnik. *A*
cidade e a lei. 3. ed. Studio Nobel, 2003, p.
 242 & *Cada um no seu lugar, São Paulo,*
início da industrialização: geografia do poder.
 São Paulo, 1981. Dissertação (Mestrado
 em Arquitetura), Faculdade de Arquitetura e
 Urbanismo, Universidade de São Paulo, 1981

Este periódico foi construído ao longo de
 quatro encontros no Sesc Ipiranga, oficina
 Publicação-Memórias, nos meses de
 novembro e dezembro de 2019

@naraRosetto